A COLONIZAÇÃO AGRÍCOLA RACIONAL NO CEARÁ

Guimarães Duque

O povoamento do sertão, nos séculos VII, VIII e seguintes, se efetuou pelo espírito aventureiro dos invasores para estabelecer currais de gado, para prear índios e para a ocupação territorial, sendo a lavoura uma ocupação limitada à subsistência dos recém-chegados e dos seus descendentes. Foi um acontecimento baseado na coragem, na vontade e na resignação de homens dispostos a criar um sistema de vida diferente daquele em que estavam habituados. No encontro das 3 raças para a formação do sertanejo, a contribuição do negro foi mínima quanto ao número e à técnica de trabalho; o aborígene proporcionou o conhecimento do meio e sôbre os ombros dos mestiços pesou a maior responsabilidade do empreendimento pelo poder de adaptação, pela capacidade de improvisar a subsistência e pela iniciativa para vencer os obstáculos da fixação.

Rudes como o ambiente, êles foram adquirindo habilidades para trabalhar com pouca ferramenta, conseguir soluções provisórias, poupar energias, construir moradias primitivas e acomodação ao desconfôrto e à segregação. Mas, a penetração mal preparada no meio hostil e longinquo resultou no isolamento dos núcleos em relação ao litoral e ao exterior, o que trouxe profundas conseqüências nos séculos seguintes.

Depois que a população se espalhou pelas caatingas, já no Império, o sedentarismo substituiu o nomadismo e as raízes da nacionalidade se firmaram no grupo patriarcal, formado pelo fazendeiro com os seus parentes, compadres, amigos, moradores e dependentes. A julgar pelas obras dos historiadores e sociólogos, cada um conhecia os terrenos e moradores ao seu redor; caminhava por dia a distância da marcha do cavalo; cada indivíduo sabia o seu lugar no grupo e gozava de relativo respeito, sob condições normais; as ambições eram modestas e os projetos do futuro, como o casamento,

o roçado, a criação de gado e as festas, se faziam com as preparações da vida em evolução vagarosa; o respeito ao senhorio, aos mais velhos e às autoridades estabelecia a hierarquia social que, salvo raras exceções, era mantida; as possibilidades de melhoria não eram numerosas, mas, também, as necessidades eram limitadas; a existência progredia em fases nítidas e o menino ou o rapaz percebia o pôsto que atingiria no quadro regional e os preceitos morais a que deveria obedecer, os habitantes tinham noções mais rígidas dos seus deveres do que dos seus direitos. Era, enfim, uma sociedade estabilizada a seu modo.

A fazenda, com a sua produção diversificada, colhia quase tudo o que precisava, era auto-suficiente; a ferramenta foi fabricada ali mesmo, o numerário era guardado em casa e cada proprietário abastado, pelo seu prestígio e autoridade, tinha poder executivo; êle exercia as funções de chefe, de conselheiro e de banqueiro e a comunidade quase independia das vilas. O homem se contentava com a alimentação, a moradia, o vestuário e poucas exigências mais. A agricultura recebia uma parcela elevada dos rendimentos de cada um.

Os roçados na terra nova, com largos intervalos de tempo, forneciam a mandioca, o milho, o feijão, etc., para compor a ração com a rapadura e o arroz dos baixios; havia maior quantidade de animais de matadouro, por habitante, a fauna era mais rica, de modo que a proteína era acessível para todos. O algodão e o gado proporcionavam o numerário para as compras mais importantes. A criação de bovinos, de ovinos e de caprinos constituía a ocupação principal e a vaca, varando a caatinga, trazia para o curral o leite, a carne e o couro.

Depois da "ferra" do gado e da separação das crias dos vaqueiros, terminadas as colheitas e pagas as "têrças" ao patrão, os moradores encontravam compensação nos bailes, nas festas joaninas, no entrudo, no reisado, no congo e sentiam o confôrto espiritual nas missas, nas rezas, procissões, nos casamentos, nos batizados e nos festejos religiosos. Sempre foram muito raros, entre os rurícolas, os sentimentos cívicos expressos nas comemorações das datas nacionais e no culto dos nossos heróis. A segregação dos habitantes e a limitação do comércio não intensificavam as compras: a poupança era a regra, cada família procurava guardar dinheiro e bens de consumo. Os costumes, a religião e as obrigações para com a família norteavam o procedimento do rapaz e da moça, que cresciam de acôrdo com um código de vida calcado na tradição.

As atividades dos sertanejos na lavoura e na criação baseavam-se na cooperação embrionária e na solidariedade espontânea, sem haver uma separação muito clara entre a religião, os deveres e os negócios; o lavrador preparava a sua roça pensando na festa da pa-

doeira, no baile do vizinho, no batizado do filho ou no casamento da irmã e era estimulado na sua labuta pelas alegrias que lhe dava a convivência com o seu grupo. Os fazendeiros com os seus moradores, os sitiantes, os assalariados, os comerciantes formavam uma comunidade em que os contatos eram estreitos e os conhecimentos recíprocos das qualidades e dos defeitos pessoais conduziam as relações sociais para o equilíbrio da vida quase em comum.

Sem dúvida, haviam as sêcas, o sofrimento e o cangaço, porém êstes não eram acontecimentos diários e os maus atos não tinham apoio na tradição e nem a aprovação da moral coletiva.

Aquêle sistema tradicional de vida amparava-se na cooperação para obter a segurança, na aprovação dos atos individuais pelo grupo, na afinidade do parentesco de sangue, na autoridade moral dos chefes pela experiência e pela idade e na sua responsabilidade paternal para com todos.

Nós traçamos em rápidas palavras êste retrospecto histórico para salientar as origens dos problemas do ruralismo e as profundas modificações que resultaram, nos últimos 50 anos da República, do contato do povo sertanejo com o exterior, sob a influência do comércio internacional, das novas idéias políticas e do efeito desintegrante da Ciência nas sociedades involuídas. A tentativa da solução incompleta das questões rurais, no Ceará, pela açudagem, pelas estradas, pelo fomento agrícola e pela alfabetização parcial, sem considerar a estrutura social dos agrupamentos humanos nos seus costumes, desejos, tendências e ambições, nos levou a enfrentar, hoje, uma multiplicidade de assuntos que constituem uma prova de fogo para os governos, para os administradores, para os técnicos e para os pensadores. Sob a influência do aumento da população, restringindo a área **per capita**, sob o sofrimento das sêcas, passando ràpidamente do carro de boi para o caminhão, sem a fase da carroça, avançando do telégrafo para o rádio, sem usar o telefone, no sertão, querendo mudar da enxada para o trator, sem o período intermediário da tração animal, sem a preparação do operário especializado (viveirista, pomarista, mecânico agrícola, administrador rural), enfim, sem educar o homem e a sua família para atender às novas condições de existência, uma parte dessa sociedade antiga dissociou-se, perdeu a austeridade, adquiriu mobilidade pelas migrações e debilitou as elites locais.

Mantendo-se embrionária, a sociedade matuta foi surpreendida pelos novos fatôres de progresso material, pelas comunicações por meio do avião e do rádio, que aproximaram povos distantes, uns adiantados e outros atrasados, colocando-os em competição com armas desiguais no embate da Ciência contra a Tradição. A aproximação física de sociedades avançadas e retardadas não elimina a diferença mental de séculos entre elas. As obras de engenharia, como poços,

açudes e irrigação, a mecanização da lavoura, a velocidade dos transportes e a oferta de novas mercadorias, sem a predisposição mental e social das famílias, significaram uma reação violenta, de fora para dentro, no processo social que se vinha manifestando em câmara lenta. O panorama físico apresenta-se mais devastado, as trocas comerciais se intensificaram, destruindo o auto-abastecimento e as relações com os centros urbanos ampliaram os desejos dos homens nas conquistas materiais, causando o desajustamento da população com o meio, pelo rompimento dos hábitos tradicionais, antes da adoção de novos costumes condizentes com a atualidade.

As alterações imprevistas, bruscas, nas condições de vida do povo, fomentam discordâncias graves porque o instinto e os procedimentos normais são impotentes na acomodação imediata.

Atualmente, as necessidades de máquinas, de aparelhos e de peças são muito grandes, as culturas industriais se especializaram e se tornaram mais lucrativas do que as alimentícias, o dinheiro concentrou-se nos bancos e os lavradores dependem muito do comércio, da indústria e das cidades. O fazendeiro e o agrônomo não comandam a importação de máquinas e de inseticidas, que são fornecidas por pessoas alheias à agricultura, de modo que quem planta está subordinado a inúmeros agentes nas cidades, que controlam fatôres decisivos do sucesso das lavouras.

A sujeição do individuo iletrado aos outros habitantes, na mesma comunidade, e a alteração do meio físico, por influência externa, se ampliam mais ràpidamente do que o rurícola pode adaptar as suas reações, as suas emoções e os seus predicados à nova situação. As populações rurais vivem, agora, dependentes das cidades; o sistema educacional é individualista e o homem se preocupa com as operações até conseguir a produção, êle não vai além para investigar a distribuição dos bens gerados para satisfazer as necessidades coletivas ou os efeitos que a riqueza terá sôbre o bem-estar da população.

Para a nossa agricultura, que se vinha mantendo quase estática nos métodos culturais, não parou aqui a série de modificações: o século XX impregnou o mundo com a nova consciência social. Foi o despertar dos direitos da criatura humana e do cidadão e o esquecimento das obrigações contraídas pelo individuo para com a sociedade e o ambiente.

Aquela sociedade de outrora, com fortes laços sociais e individualismo dócil, antepôs-se a coletividade moderna, enfraquecida pelo personalismo exaltado.

Ao fenômeno da decadência do ruralismo juntou-se um outro fator não menos grave: a monopolização da Tecnologia pelo urbanismo, que originou o esplendor efêmero das cidades. A Ciência faz a abundância da produção fisicamente possível, porém não torna o

bem-estar socialmente exequível quando os grupos humanos, rurais e urbanos, se distanciam nos seus níveis culturais.

A distribuição demográfica do Ceará, com a subversão das condições econômicas e sociais, apresenta, hoje, dois núcleos típicos: o rurícola e o citadino. O povo sertanejo compõe-se dos flagelados permanentes, dos inábeis e dos desocupados, vítimas da pobreza, da doença e da ignorância; dos assalariados e dos moradores das fazendas, que, mesmo deficientes, são os mais assíduos na lavoura; dos sitiantes e proprietários; dos comerciantes, dos transportadores e dos administradores locais. Nas cidades há uma escória desajustada e improdutiva; o proletariado e a classe média influenciável pelos jornais, pelo rádio e pela propaganda; as elites, formadas pelos intelectuais, pelos homens de negócio, pelos políticos e pelos profissionais liberais.

As funções das classes superiores são o exercício das atividades principais, o desenvolvimento da cultura, dos vícios e das frivolidades e a introdução de variações nos costumes do povo. A massa é a matriz da população, é conservadora, é neutra na assimilação das inovações profissionais, vive pela usança das regras das gerações anteriores, pela rotina, adquiridas quase instintivamente, e não muda fàcilmente o **status** dos costumes pelo ensinamento clássico. A massa é suscetível de receber "influências" e "sugestões" das classes superiores, porém essa liderança, bem como a imitação, são controladas, no grau de aceitação, pelas noções e gostos absorvidos anteriormente.

A separação entre matutos e citadinos impediu o contato efetivo da tradição com o progresso, cortou a evolução dos costumes velhos para os novos hábitos e criou a indiferença dos mais civilizados para com o destino dos camponeses. Os agrários perderam os seus líderes antigos, naturais, que surgiam espontâneamente pelas suas qualidades, pelo parentesco ou pela amizade, que residiam no interior, sentindo e sofrendo com os companheiros as alegrias e as tristezas e que lutavam na defesa dos interêsses julgados legítimos pelo padrão da época. Os atuais líderes da política, do comércio ou da indústria, embora quase sempre nascidos no campo, defendem as pretensões da coletividade urbana, das corporações manufatureiras e bancárias, que sugam os numerários da agricultura pela competição de lucros mais altos e mais rápidos e não sentem a agudeza das dificuldades do interior. Aquêles que nas cidades governam, legislam, ensinam, negociam e distribuem a justiça não se unem nos esforços para proporcionar aos inativos, porém física e mentalmente aptos, os elementos materiais de labor estável e para dar-lhes a assistência na renovação dos processos produtivos, no aperfeiçoamento das habilidades manuais, na acumulação de conhecimentos simples.

Assim, a densidade da população, a diversidade dos artigos de consumo requeridos para o contentamento das precisões dos habi-

tantes, a insuficiência dos bens de produção para dar meios de trabalho à parcela ativa do povo, a aglomeração dos flagelados nas crises, o aumento do número dos desocupados permanentes nos forçam a estudar as soluções prováveis e definitivas, em ordem de prioridade, dos problemas rurais que estão embaraçando o progresso harmônico entre os setores primário, secundário e terciário.

O Ceará apresentou, em 1950, uma população de 2.695.450 habitantes, dos quais 33% eram econômicamente ativos. A área total, cultivada, em 1954, foi de 925.029 hectares, ou seja, 0,3 ha. **per capita.** Em 1950, havia no Estado 69.680 proprietários, 4.236 arrendatários de terras, 2.844 ocupantes, 9.910 administradores, 67.999 parceiros e 207.617 empregados rurais. A distribuição profissional da população econômicamente ativa era a seguinte: no setor primário, 76,65%, nas atividades secundárias 6,43%, e no setor terciário 17,92%. A renda anual média, **per capita,** foi de Cr$ 3.067,00 e a produtividade por pessoa foi 27% mais baixa do que a do Brasil.

Verifica-se que, para articular o progresso geral, é imprescindível que cada pessoa ativa na agricultura seja capaz de produzir para alimentar o maior número possível de habitantes e que a Indústria, o comércio e a distribuição de artigos e mercadorias satisfaçam cabalmente e **in loco** as exigências dos lavradores. As colheitas atuais não satisfazem a alimentação dos cearenses; com os mesmos processos de cultivo seriam indispensáveis mais 28.638 hectares de lavouras. Mas, parece-me que o simples aumento de superfície lavrada não conduz ao progresso; urge obter maiores colheitas por unidade de área e por homem. A extensão das culturas, além de certo limite, provocará a destruição dos recursos naturais. Nos Estados Unidos da America do Norte, a repartição profissional da população econômicamente ativa obedece à seguinte ordem: Agricultura, 16%, Indústria, 26% e ocupação terciária, 57%; mas, cumpre notar que um operário agrícola produz o suficiente para nutrir 15 habitantes.

A familia flagelada não produz e consome; é, portanto, um elemento negativo de progresso; a família matuta, que produz pouco e não pode economizar dinheiro, é uma unidade neutra no desenvolvimento econômico. A renda escassa é o reflexo da produtividade mínima, que leva à incapacidade de "amealhar" recursos e, conseqüentemente, à impossibilidade de formar capitais. Êsse é o círculo vicioso da pobreza e, enquanto não fôr rompido por uma intervenção externa, tende a estabilizar-se.

Uma sociedade primária exerce atividades para conseguir a alimentação, o vestuário e o abrigo; outra coletividade, mais adiantada, pela disciplina dos hábitos, pelos conhecimentos e pela técnica satisfaz-se de tudo e ainda pode guardar numerário. Essas economias familiares reunidas avolumam a reserva monetária do País e, aplica-

das nas emprêsas de utilidade geral, remuneradoras, impulsionam a recuperação financeira da região.

À medida que sobe a densidade demográfica, majora também a cifra dos capitais precisos para o progresso. Na economia moderna, o trabalho é fonte de capital. O excedente demográfico, não ocupado, é, assim, um possível manancial para aumentar a riqueza e suprir numerário. Enquanto o desdobramento industrial não puder absorver todos os operários válidos, inativos, urge procurar no campo as soluções para amparar a população ociosa.

O emprêgo eficiente da terra inculta e do braço vago por meio de métodos aperfeiçoados de produção, com conhecimentos e melhor equipamento, facilita o acréscimo no rendimento do trabalho, que aumenta a receita, eleva o poder aquisitivo, melhora o padrão de vida, permite mudar o gênero de vida, provoca a circulação da riqueza e acelera o adiantamento em cadeia.

Entre as maneiras de dinamizar os núcleos, ora improdutivos, está a colonização agrícola, orientada, utilizando-se das lições preciosas da organização técnica e da ação social, obtidas em outras zonas. A colonização é um processo para estabelecer massas migrantes, instáveis, reunindo no solo desaproveitado os homens improdutivos, as ferramentas, os abrigos, as sementes, as mudas, a assistência técnica, sanitária e social, o financiamento fiscalizado, a educação da família para melhorar os costumes, distribuir o tempo, conseguir colheitas constantes e unir os colonos na venda dos frutos aos consumidores e na compra, em grosso, das utilidades carecidas, sem intermediários.

As terras do litoral do Ceará, na largura de 100 Kms., pela sua topografia ondulada, pela proximidade do pôrto, pela pluviosidade mais alta, pela possibilidade da abertura de poços, pela existência do lixo das cidades para adubo, oferecem condições favoráveis para a formação de colônias. A população atual faria parte do empreendimento e seria beneficiada.

O projeto da colônia seria maduramente estudado nos seguintes pontos: 1) levantamento da área e estudos edáficos; 2) planejamento dos lotes, das comunicações e das instalações; 3) organização administrativa; 4) seleção das famílias quanto à saúde, número de pessoas, honestidade, operosidade, disciplina, vontade de cooperar, gôsto para agricultura e poupança; 5) Agrônomos e serviço de educação rural. 6) Serviço médico, assistência religiosa, escolas; 7) Crédito no tempo certo; 8) Organização de compra e de venda.

Há dois sistemas usados na instalação de núcleos coloniais: o das residências agrupadas em aldeias e o das moradias nos lotes.

Vantagens do sistema aldeia:

1. Facilitar o abastecimento d'água, de luz, de esgôto e aproximar as famílias das cooperativas, da igreja e das escolas.
2. Estreitar as relações entre as famílias.
3. Favorecer as reuniões coletivas e os entendimentos rápidos.

Vantagens das casas nos lotes:

1. Proximidade das lavouras e aproveitamento das horas vagas.
2. Evitar os atritos entre as famílias.
3. Oportunidade para criar pequenos animais.
4. Isolamento em caso de doenças.
5. Fiscalização das roças e impedir os roubos.

Cada família de colono, depois de devidamente escolhida, arrendaria o talhão de 20 a 30 hectares, com casa, depósito, etc., e receberia, para pagamento em prestações, o equipamento constante de máquinas agrícolas, animais de trabalho, carroça, sementes e financiamento para um ano.

Se fôr aprovada a conduta e a atuação do arrendatário, êle poderia adquirir o imóvel para pagamento em 10 ou 20 anos. Teria de ser estudada uma forma jurídica para a indivisibilidade e a impenhorabilidade da gleba familiar adquirida, a fim de garantir a continuação da sua exploração econômica futura, em face dos direitos de herança dos descendentes.

A organização administrativa da colônia se comporia de agrônomos, de auxiliares, de casas, de prédios, de armazéns, cooperativa, igreja, campo de esportes, diversões e clube agrícola.

Os agrônomos responsáveis pelo empreendimento deverão lembrar-se de que o solo, a planta e os animais merecem cuidados, todavia que é mais importante ainda conhecer melhor o lavrador, a sua família, suas preferências, qualidades e defeitos e que cada homem é um misto de virtudes e de vícios, que requer ajuda naquilo que êle aceita e gosta.

Para homens e mulheres, que sempre viveram isolados, é indispensável uma preparação espiritual e esclarecimentos sôbre o trabalho mútuo, suas vantagens e obrigações para a aceitação das idéias cooperativistas.

Grande parte do êxito da atuação dos técnicos, junto aos lavradores, depende de como angariar a simpatia e a confiança dos seus assistidos; no começo, não se deve exigir a perfeição nas operações de campo; na fase da adaptação dos colonos, o mais valioso é a harmonia, o sentimento de responsabilidade, a tolerância, a vontade de aprender os ensinamentos diàriamente na escola, no lar e no campo para que a sociedade seja capaz dos sacrifícios inerentes à sua finalidade.

Procurando tornar cada núcleo uma comunidade verdadeira, nós facilitaremos a muitas famílias a segurança e a estabilidade que lhes faltam; fazendo o maior número de pessoas compartilhar dos deveres gerais permitiremos a distribuição dos encargos e o prazer nas recreações coletivas; integrando as vantagens econômicas e os interêsses sociais na comunidade evitaremos a dominação por grupo privilegiado.

Educar adultos e jovens, na labuta intensiva com estreita sociabilidade, como é o caso numa colônia, exige a atuação em equipe de agrônomos, de médicos, de professôres e de sacerdotes e nem sempre os resultados são imediatos. Os fatôres intangíveis, como a assimilação de conhecimentos, o poder de cooperar, a boa vontade de servir aos outros, a capacidade de abafar o egoísmo para o triunfo das idéias superiores, o convencer-se de que a formação de capitais é um processo paciente e cumulativo, são qualidades que, embora latentes no indivíduo, têm, entretanto, um "período de incubação" demorado para se revelarem em ações benéficas e permanentes.

As reuniões administrativas, às quais devem comparecer os auxiliares imediatos, as assembléias gerais, onde estarão presentes os componentes ativos da colônia e as sessões instrutivas com palestras, filmes, etc. carecem de uma preparação minuciosa, de exame acurado dos assuntos a serem expostos e discutidos para o bom emprêgo do tempo e para maior proveito dos participantes e elas são muito úteis para dar o sentido de unidade à emprêsa, para salientar os resultados concretos, para exaltar o sucesso dos mais eficientes sem humilhar os outros, para resolver as questões que merecem a opinião alheia e para mostrar aos habitantes que há uma preocupação superior pelo destino daquela coletividade.